GRAUS DO AUTISMO

Como pais e educadores podem identificar!

CÉREBRO SAUDÁVEL

Cérebro saudável
- Ano 3 - nº 28

alto astral

R$ 9,90



AUTISMO EM MENINAS

Com níveis de manifestação distintos, diagnóstico precoce ainda é um desafio

APOSTE NA TERAPIA ABA

A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA é o único tratamento reconhecido e aprovado pela ciência

NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 3
Leve	**Moderado**	**Severo**
A interação social é o maior obstáculo	Problemas de comunicação e atraso na fala	Movimentos repetitivos e até agressividade



PALMAS PARA ANTÓNIO

Livro narra a história da família que encara os desafios do autismo no dia a dia



UM ESPECTRO CHEIO DE NUANCES

Apesar de ser relativamente comum - a Organização Mundial da Saúde estima que existam cerca de 70 milhões de autistas em todo o mundo -, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda é cercado de dúvidas. Entre as principais características, as dificuldades de interação social, de comunicação e aprendizado são algumas das mais marcantes. Mas o autismo vai muito além e, por isso, a ideia de "espectro" é utilizada: existem muitas variações de funcionalidade, fazendo com que pessoas com traços diferentes se encaixem no diagnóstico do TEA. Pensando em desvendar essas complexidades, esta edição de ***Cérebro Saudável*** aborda diversos tópicos sobre o autismo, desde os diferentes graus até comorbidades e direitos. Com mais informação é possível entender o que é, de verdade, o transtorno e, assim, conhecer as melhores formas de lidar com os desafios no dia a dia. Boa leitura!

A Redação

FOTO fizkes/Shutterstock Images

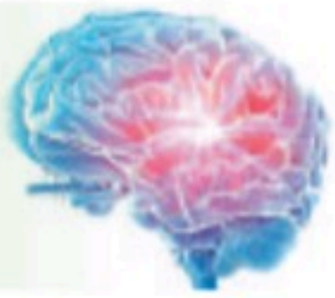
CAPA Fotos New Africa/Shutterstock e Divulgação

ATENÇÃO!!!
Esta revista tem caráter informativo e baseia-se em dados seguros e consultorias de profissionais especializados, com o intuito de se tornar uma referência para a prevenção de doenças e a conscientização sobre cuidados com a saúde. No entanto, **nenhum conteúdo publicado deve substituir a medicação prescrita e o acompanhamento de um médico.**
Em relação aos alimentos, **procure um especialista** para saber sobre a quantidade indicada de acordo com sua necessidade!

ÍNDICE

CIÊNCIA & SAÚDE

Novidades e descobertas científicas para ficar por dentro do assunto



GRAUS DO AUTISMO

Conheça as particularidades e déficits de cada nível



ESTÁ NA GENÉTICA?

Entenda como funcionam os exames que podem ajudar no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA)





SEXO FEMININO

A alta prevalência em meninos pode impactar no diagnóstico tardio das meninas. Entenda!

INCLUSÃO NA SOCIEDADE

Você sabe quais são os direitos dos autistas e como aproveitá-los?



ESPECIALISTAS EM ABA

Veja como um psicólogo(a) pode conseguir a formação na terapia mais indicada para os casos de TEA



TECNOLOGIA A SEU FAVOR

Dispositivos e aplicativos que auxiliam no tratamento e no ensino das crianças com o espectro





AUTISMO E DEPRESSÃO

A relação entre os dois pede diferentes intervenções e acompanhamento especializado

COMORBIDADES

TDAH, dislexia, discalculia... confira outros transtornos que podem surgir junto com o autismo





Projeto permite novas descobertas genéticas na Ásia

Em geral, as pesquisas genéticas humanas se concentram na América do Norte e na Europa, o que limita a diversidade dos dados. Por isso, o projeto GenomeAsia 100K (genomeasia100k.org) tem como objetivo reunir informações de indivíduos espalhados em 64 países asiáticos, de modo a catalogar variações genéticas, estrutura populacional e associações de doenças para facilitar estudos futuros. Com a pesquisa, será possível analisar as respostas a determinados tratamentos e descobrir a probabilidade do surgimento de alguns distúrbios. Dessa maneira, o projeto pode auxiliar numa melhor compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Além dos avanços em relação ao diagnóstico, a pesquisa genética garantirá maior precisão no tratamento dos pacientes

Crianças autistas podem ter mais sinapses no cérebro

Pesquisadores do Columbia University Medical Center, nos Estados Unidos, descobriram que autistas provavelmente não sofrem a poda sináptica regular. Ao longo da infância, perdemos metade das sinapses com que nascemos. Essas estruturas - localizadas entre a terminação de um neurônio e a membrana de outro - possibilitam a conexão entre as células e propagam o impulso nervoso. Ou seja, em autistas, as sinapses danificadas não são eliminadas, levando ao excesso dessas estruturas no cérebro. Tal processo é regulado pela proteína mTOR e tudo indica que autistas apresentam hiperatividade dessa proteína, o que impede a limpeza do material danificado.



A condição foi replicada em ratos com uma substância supressora da mTOR, o que reduziu o comportamento associado ao TEA



O uso de paracetamol durante a gravidez provoca autismo e TDAH?

Esse foi o questionamento de cientistas da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. Para a pesquisa, o sangue de quase mil cordões umbilicais foi analisado, de modo a entender o funcionamento da substância também conhecida como acetaminofeno. A descoberta foi de que a possibilidade de desenvolver autismo ou TDAH aumenta conforme a dosagem da droga evolui. Contudo, as chances gerais são baixas. Além disso, os pesquisadores ainda não sabem se é o próprio medicamento ou os fatores que levam as mulheres a o tomarem (por exemplo, a febre) que provocam as alterações. Outro fato ambíguo é que o paracetamol permanece apenas por duas horas e meia no organismo, ou seja, as amostras sanguíneas refletem apenas o que foi ingerido pouco antes do parto, não os nove meses anteriores.

Ainda é preciso avaliar a ação da substância no início da gestação, quando o cérebro começa a se desenvolver

Cinemas terão sessões adaptadas para autistas

Até março de 2020, entrará em vigor, na cidade de São Paulo, a lei nº 17.272, que obriga os cinemas do município a exibirem, uma vez por mês, sessões para pessoas dentro do espectro e suas famílias. Durante a exibição do filme, a sala deve permanecer com as luzes levemente acesas, o volume de som reduzido e com a permissão de livre circulação de entrada e saída de pessoas.

O descumprimento da lei pode ter como penalidade multa de três mil reais e até interdição do estabelecimento



Hidroterapia pode impactar a saúde mental e o bem-estar de autistas

Pesquisadores australianos encontraram melhorias em relação à ansiedade, depressão e atenção após a prática da atividade física. Para o estudo, crianças autistas foram submetidas à hidroterapia uma vez por semana durante 45 minutos, durante um mês, em que fizeram aquecimento com atividades cardiovasculares, usaram relaxamento e aprenderam técnicas de natação, além de serem submetidos a estímulos cognitivos. Havia um instrutor acompanhando cada criança na piscina. Posteriormente, os estudiosos avaliaram questões relacionadas à saúde mental e perceberam benefícios significativos.

Ainda é preciso analisar amostras maiores e por um período mais longo de intervenção



IMAGENS Jezper, ImageFlow, Sebastian Kaulitzki, Microgen, Nor Gal/Shutterstock Images

PARTICULARIDADES DE CADA GRAU

Entenda a classificação da doença e os déficits comuns de cada nível



Quando se trata do autismo, cada caso é um caso. A criança ou adulto apresenta déficits diferentes, gostos individuais e comportamentos únicos a serem trabalhados na terapia, dentro de casa e no colégio. Assim, de modo a escolher corretamente as intervenções a serem utilizadas, especialistas fazem o diagnóstico e classificam o paciente em níveis, que demandam mais ou menos apoio. "A classificação norteia o terapeuta e dá uma noção geral aos pais de qual é a situação atual do filho. Por meio dessa classificação, medimos a quantidade de horas de intervenção que uma criança precisa", explica a psicóloga Mayra Gaiato.

Mas isso não significa colocar o indivíduo dentro de uma caixinha, da qual jamais poderá sair. "Não é porque recebeu um grau que está condenado a viver nele para sempre. O indivíduo não fica estagnado nesse grau. É possível uma criança de grau moderado, com tratamento, perder alguns sintomas de autismo, ganhar mais repertório de fala e brincadeiras, tornando mais leve", pontua a profissional. Dessa maneira, as intervenções se fazem muito importantes para a melhoria de sinais característicos do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Entendendo os manuais

O autismo é visto como um transtorno porque compromete a rotina diária devido às alterações de ordem psicológica e/ou mental. Em 2013, a quinta edição do *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (na sigla em inglês, DSM-5) reuniu autistas e pessoas com Síndrome de Asperger no mesmo grupo, porém, com graus de comprometimento variados em diferentes áreas do desenvolvimento, como comunicação social, padrões restritos e repetitivos, interesses e atividades. "Esse novo conceito de TEA foca no caráter dimensional dos quadros clínicos e não mais na tentativa de definir fronteiras entre os diagnósticos", explicam as psicólogas Andrea Lemos e Janaina Henrique.

Porém, entender as características explicitadas nos manuais, incluindo a 11ª edição da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), pode ser complicado para leigos. Os déficits na comunicação, por exemplo, acontecem em diferentes níveis. Segundo Mayra, no grau leve, o autista fala, mas dificilmente entende duplos sentidos, gestos, piadas ou entrelinhas durante uma conversa.

No grau moderado, há o atraso da fala e dificuldade de entender e compreender. De acordo com a profissional, tratam-se de coisas distintas. Isso porque há um déficit da compreensão (interpretação do que os outros estão falando) e, consequentemente, da expressão. "Primeiro, eles não conseguem compreender direito o contexto social, interpretar exatamente a sutileza do ambiente porque são mais concretos e rígidos. Então, quando falam, pode ser que não sejam tão bem interpretados", explica. Além disso, há problemas no que se conhece por teoria da mente. "Teoria da mente é entender o que se passa na cabeça de outra pessoa. Entender e interpretar o que o outro está pensando daquela situação ou está achando da minha postura. Os autistas têm dificuldade de ler os sinais sociais. Por isso, só entram em ou iniciam uma conversa se têm algum interesse naquilo, mas dificilmente vão começar para serem simpáticos ou puxar papo. Eles não veem sentido, uma lógica, em fazer isso", elucida Mayra.

Restrição e repetição

O DSM-5 aponta que um dos critérios diagnósticos do TEA são os padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essa classificação inclui a dificuldade em trocar de atividades, problemas de organização e planejamento, estereotipias (motoras, de fala, etc), sofrimento em relação à mudança, interesses fixos, forte apego e baixa ou alta reação a estímulos ou aspectos sensoriais do ambiente (cor, temperatura, textura, entre outras que envolvem os sentidos). Tais características podem ser obstáculos à independência, o que indica que esses indivíduos necessitam de apoio alto ou baixo, a variar conforme o grau de autismo. "O apoio seria uma terapia mediadora: ter um acompanhante que receba orientações de especialistas. Alguém que dê suporte, mas que precisa ser treinado. Podemos também ter apoio de figuras, materiais concretos e até eletrônicos", explica Mayra. Nesse caso, a terapia ABA é uma das vertentes mais aplicadas no caso de autismo, podendo ajudar na construção de habilidades (saiba mais na página 24). Além disso, nos últimos anos, a tecnologia tem auxiliado nesse processo devido ao lançamento de aplicativos e dispositivos (leia na página 28), mas ainda há muito o que ser pesquisado e desenvolvido para contemplar os principais déficits apresentados por pessoas com TEA.



"O mundo ideal para uma pessoa com autismo é um que não tenha variações e muitas mudanças na rotina" Mayra Gaiato, psicóloga

Questão de planejamento

Imagine que você recebeu um convite para uma festa de casamento e aceitou. Além de pensar no presente que dará aos noivos, terá que escolher a roupa que usará, se irá agendar um horário no cabelereiro e qual será o meio de transporte utilizado para chegar ao local do evento. Tudo isso requer planejamento. Essa habilidade tem origem nas funções executivas da parte frontal do cérebro. No caso dos indivíduos com autismo, há déficits nessas funções que envolvem planejamento, compreensão e execução de tarefas.

"Por exemplo, eu preciso fazer uma apresentação na escola. Preciso organizar o material, fazer uma pesquisa, levar esse material e esperar o meu horário. A criança com autismo não consegue pensar em todos os passos que não estão explícitos em uma tarefa. Em tudo que ela precisa supor e imaginar, é necessário o apoio visual do passo a passo para realizar ações", exemplifica Mayra.



Além disso, esses indivíduos criam roteiros mentais que seguem sempre e preferem uma rotina sem mudanças. "Gostam de fazer sempre as mesmas coisas e, se qualquer coisa sai do planejado, do que é esperado, entendem que está errado", destaca a psicóloga. É uma dificuldade de flexibilidade mental para mudar a sequência que aprendeu inicialmente.

Nesses casos, os terapeutas atuam com aproximações sucessivas. "Fazemos pequenas alterações, tudo muito planejado e controlado, combinado com a criança, para ela ver que está tudo bem, mas sempre com estímulos mais leves até chegar a mudanças mais extremas, que são mais difíceis", elucida Mayra. Assim, o reforço positivo ajuda os profissionais a associarem a consequência agradável à mudança de rotina, a fim de evitar angústias nos autistas. Dessa maneira, os indivíduos são estimulados a adotarem um novo comportamento e, quando o fazem, são premiados pelo esforço com algo agradável ou prazeroso.

Há ainda os autistas que apresentam comportamentos repetitivos e focam suas falas em interesses restritos, por exemplo, dinossauros ou aviões. Nesse mesmo grupo, estão as estereotipias ou os conhecidos movimentos repetidos. Para essas questões, é necessário o tratamento multidisciplinar, acompanhado de um terapeuta ocupacional para avaliar o sensorial da criança, de um médico para avaliar questões clínicas e um especialista ABA para avaliar o comportamento, seja biológico ou comportamental.

"Não existe receita de como lidar com essas situações. Indivíduos dentro do mesmo quadro clínico apresentam inúmeras varia-

ções que precisam ser levadas em consideração no momento da intervenção. Também existem as causas - tanto das estereotipias como das crises - que devem ser avaliadas criteriosamente, antes de qualquer intervenção", destacam Andrea e Janaina. Entre os motivos que levam à estereotipia estão a fuga de alguma atividade, tédio ou interesse demasiado, mas existem inúmeros outros fatores que precisam ser avaliados e irão impactar no manejo do ambiente para beneficiar a regulação comportamental.

Além dos déficits citados anteriormente, o indivíduo pode apresentar dificuldade no contato visual e não se interessar por coisas que outras pessoas propõem (por exemplo, um passeio ou, quando criança, uma brincadeira). Mas como diferenciar o nível do TEA?

Diagnóstico

"Para avaliar a presença do transtorno, a criança deve passar por uma avaliação multidisciplinar, em que profissionais, como neurologistas, psicólogos, psiquiatras e etc. possam analisar. Cada profissional irá fazer sua avaliação baseada em seus conhecimentos", explica a psicóloga Beatriz Moura.

Janaina e Andrea explicam que o diagnóstico é clínico: "Os avaliadores utilizam a observação, levando em consideração os critérios diagnósticos que constam no DSM-5. São utilizados entrevistas e questionários para pais, professores e demais pessoas que convivem com a criança; observação e entrevista escolar; e escalas de comportamentos. Dentre elas, CARS, Escala de Traços Autísticos, ATA, Escala de Comportamento Adaptativo - Vineland, escalas de desenvolvimento, M-chat, Protea e outros".

Porém, o que irá diferenciar os graus (em leve, moderado e grave) será o nível de apoio que o autista necessita para realizar suas tarefas. "Seja por flexibilidade mental ou teoria da mente, se a criança apresenta atraso na fala e na compreensão a ponto de não ter independência para se virar sozinha ou se fazer entender sozinha, já é moderado. Se tem atraso na fala e na compreensão, é moderado. Porque para ser de grau leve são parecidos com os antigos Aspergers. Eles entendem e falam, mas têm dificuldade na sutileza, na interpretação, mas não na compreensão. Confundem algumas coisas, não conseguem explicar tudo que estão pensando, mas conseguem falar. São atrasos de detalhes da comunicação, não da comunicação em si", diferencia Mayra Gaiato.



De moderado para grave, a diferenciação está na necessidade de muito apoio. "A pessoa não consegue ficar sozinha na escola e precisa de muita adaptação. Em casa, ela tem muita dependência para ir ao banheiro, comer e fazer as coisas sozinha", explica Mayra.

De acordo com a psicóloga Beatriz Moura, casos graves, também chamados de severos, podem apresentar isolamento social, agressividade e irritabilidade. "Na maioria dos casos, a criança faz xixi na cama, não se limpa ao ir ao banheiro, precisa ser lembrada de escovar os dentes, orientada sobre como tomar banho e se vestir", exemplifica a psicóloga.

Gaiato complementa que o moderado, com apoio, consegue realizar as tarefas mínimas que são esperadas na escola e em casa. "O grau grave, não. Precisa de alguém

"Eu nunca vi bons resultados sem que os pais estivessem envolvidos", Mayra Gaiato, psicóloga

o tempo todo ali, cuidando e monitorando e, geralmente, tem uma deficiência intelectual associada", compara.

Acompanhamento

Após a classificação, o autista é encaminhado para a intervenção, mesmo em casos leves. "O que a gente precisa entender é que um grau leve ainda é um transtorno mental, precisa de intervenção e de tratamento", pontua Mayra. Em média, nesse nível, a criança necessita de dez horas de intervenção. De grau moderado, 20 horas e, de grau grave, 40 horas semanais (com mediadores na escola e em casa).

Como é possível migrar entre os níveis, a avaliação do caso deve ser feita com regularidade, para saber se o quadro está melhorando ou piorando e, assim, modificar ou intensificar as intervenções. "O ideal é ter uma reavaliação de três a seis meses de tratamento. No mínimo com três meses porque muito antes disso não dá para medir, e no máximo seis meses porque a gente não pode perder tempo. Tem que reavaliar e ver se está evoluindo", afirma a psicóloga.

O coordenador do caso, responsável por conversar com escola, pais e outros profissionais, terá como função acompanhar a progressão do autista em diferentes ambientes. Irá orientar as pessoas mais próximas e chegar em um consenso sobre o tratamento. "Não adianta um fazer algo mais avançado e o outro, mais regredido. Todo mundo tem que fazer, cada um na sua área e com seu estímulo, mas com mais ou menos o mesmo objetivo e estar no mesmo patamar para estimular a criança com o mesmo intuito", destaca Mayra.

PAIS TREINADOS

É fundamental que os pais e/ou responsáveis façam um treinamento para aprender a estimular as crianças e observar mudanças. "Em todos os bons resultados que temos, os pais 'compram a causa', são treinados e querem saber como fazer", destaca a psicóloga Mayra Gaiato. Pais treinados também são capazes de perceber se a criança está bem na escola e aprendendo. Quando chegam para buscar seus filhos, conseguem notar se interagem com outras crianças ou sabem qual rotina seguir. Se notarem dificuldades, são capazes de conversar com os professores, entender as dificuldades e até mesmo orientar, já que possuem conhecimento extra.



Esse coordenador também será responsável por verificar a rotina da criança na escola, se está respondendo aos estímulos do professor, realizando todas as tarefas solicitadas e interagindo com os colegas em brincadeiras ou conversas.

Com antecedência

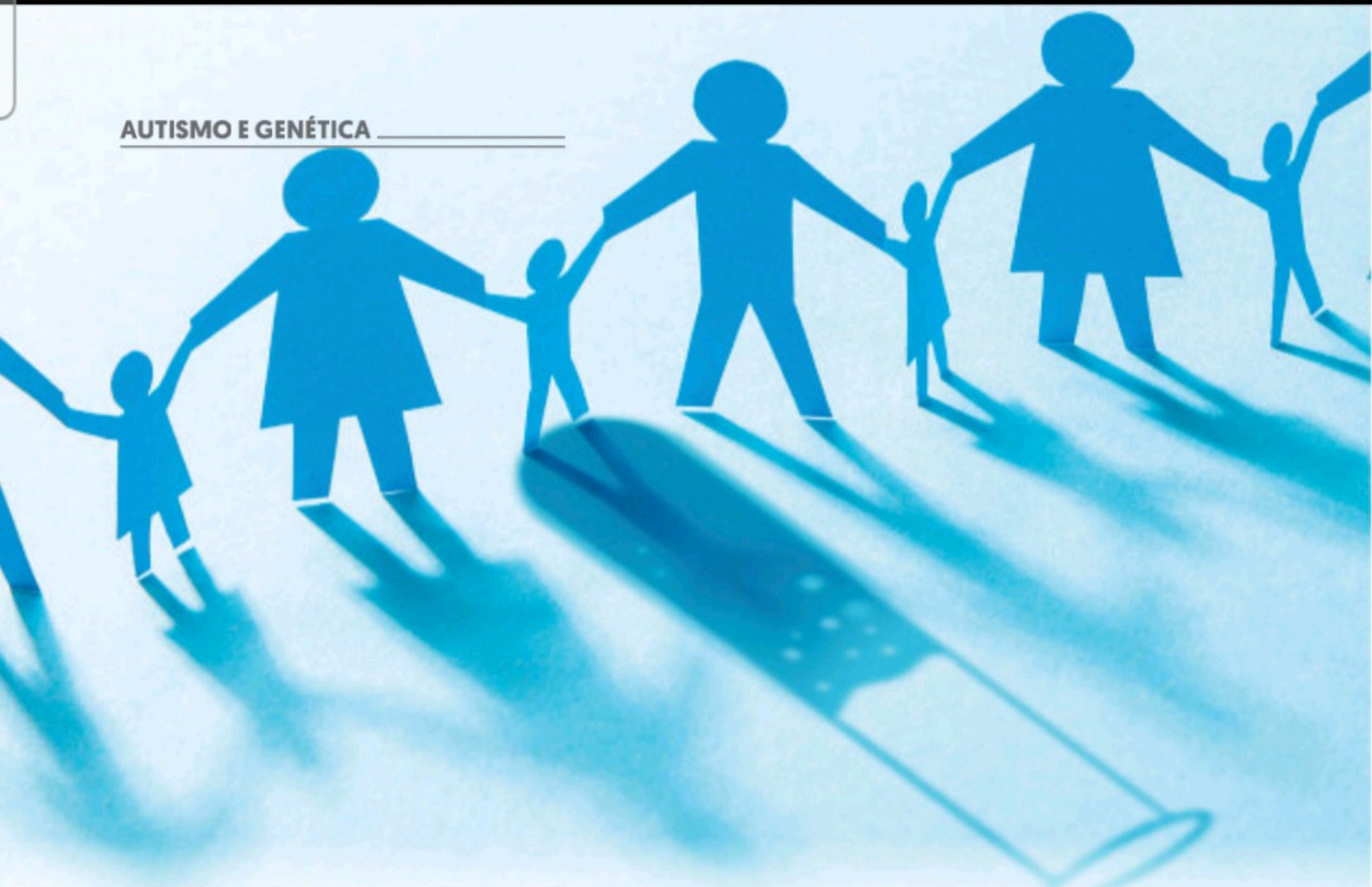
O neurologista Michailowsky Ribeiro lembra ainda um fator importante: "Quanto mais precoce ocorrerem as intervenções de hiperestimulação, mais a criança terá possibilidade de migrar de um quadro grave para o moderado. Mas temos que ter a consciência de que não há cura. A criança pode se desenvolver, ter uma vida normal, trabalhar e casar, mas sempre terá o diagnóstico do autismo".

Assim, é muito importante que as intervenções comecem logo que os primeiros sinais são percebidos. Isso porque o cérebro das crianças possui mais neuroplasticidade, a capacidade de formar novas conexões que se perde ao longo dos anos. "Começar a intervenção com uma equipe especializada assim que perceber algum sinal de atrasado gera muito mais chance de recuperação", ressalta Mayra.

Por isso, pais e tutores devem ficar atentos aos comportamentos das crianças e manifestar suas observações para os médicos. E, caso ainda não se sintam seguros, buscar psicólogos ou psiquiatras para complementar o diagnóstico. Quanto antes se iniciam as intervenções, mais habilidades os autistas adquirem ao longo do tempo.



CONSULTORIA Andrea Lemos Capoani de Moura, psicóloga com formação em neuropsicologia e pós-graduada em autismo; Beatriz Moura, psicóloga especialista em saúde mental e pós-graduada em terapia cognitivo-comportamental pelo Child Behavior Institute em Miami (Estados Unidos); Janaina Henrique, psicóloga especialista em avaliação psicológica; Mayra Gaiato, psicóloga especializada em neurociência pela Universidade de São Paulo (USP), autora dos livros *SOS Autismo: Guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista* e *Reizinho Autista: Guia para lidar com comportamento difíceis*, e criadora do canal *Mayra Gaiato*, no YouTube, com mais de 175 mil inscritos.
FONTE 5ª edição do *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) **IMAGENS** Pixel-Shot, designer,vector, vetre, ilbreakstock/Shutterstock



BIOLOGIA EM AÇÃO

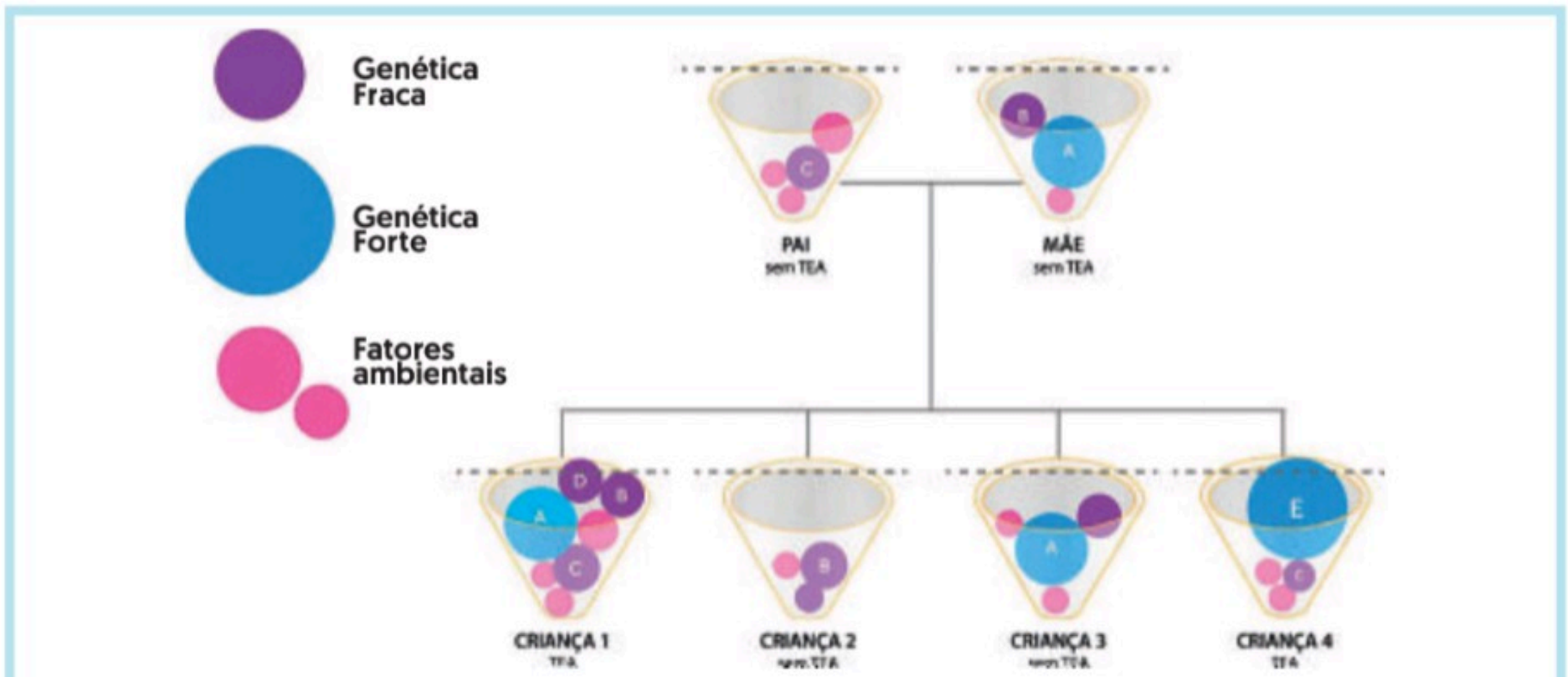
O fator genético pode influenciar na manifestação do TEA, que pode ser descoberto por meio de testes com genes

Genética é um assunto que sempre está em alta na comunidade médica. Os mistérios dos milhares de genes humanos e das características que herdamos dos nossos antepassados tiram o sono de especialistas e pesquisadores. Hoje, sabe-se que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) está ligado aos componentes genéticos e fatores ambientais. Essa descoberta favoreceu o surgimento de exames envolvendo os genes, que podem auxiliar no diagnóstico do espectro. Portanto, para entender um pouco mais sobre o TEA, que atinge cerca de 76 milhões de pessoas ao redor do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é preciso adentrar no mundo da genética.

Aplicando a matemática

Quando se tem uma doença, é comum desejar encontrar o "vilão". Essa necessidade não é ruim: ao descobrir o que causou o problema, pode-se criar vacinas, remédios e outros métodos a fim de evitá-lo ou tratá-lo. Entretanto, no caso do autismo, pode não ser simples. Esse transtorno sociocomunicativo costuma não estar ligado a apenas um elemento, e sim a vários: o que dá ao TEA um caráter multifatorial. "Na maioria das vezes, fatores de risco genéticos e ambientais podem desempenhar um papel importante. O efeito aditivo ou somatório desses fatores é variável, podendo ter mais ou menos impacto ao atingir um limite, levando ao TEA", afirma a bióloga Graciela Pignatari. Mas o que seria esse limite?

Para responder à pergunta, especialistas utilizam um esquema de "modelo de copo" e, para entendê-lo, é necessário compreender que o autismo também pode ser oligogênico, ou seja, motivado por dois ou mais genes com mutações de maior ou menor efeito. Imagine que a carga genética de uma pessoa tem o formato de um copo. A borda do objeto, ou seja, a linha pontilhada, representa o limite entre estar ou não no espectro. Dentro da taça, estão os elementos que podem desenvolver o transtorno: os genes herdados dos pais, as mutações genéticas que ocorreram no espermatozóide ou no óvulo e os fatores ambientais. Confira a imagem a seguir:



As esferas azuis representam uma variante genética forte, enquanto as roxas os genes fracos. As rosas, por sua vez, são os fatores ambientais. Embora ambos os pais não possuam TEA, dois dos seus filhos apresentam o transtorno. A criança 1 herdou três variantes genéticas (uma forte e uma fraca de sua mãe, uma fraca do seu pai), porém desenvolveu uma mutação genética fraca (D) e recebeu fatores ambientais. No que diz respeito à criança 4, ela possui interferências do ambiente, um fator genético fraco, herdado do seu progenitor, e um forte desenvolvido na concepção.

Analisando o esquema, percebe-se duas características do autismo: seu caráter aditivo (ou seja, a soma de todos os fatores levou a criança a desenvolver o TEA) e multifatorial. Mas você deve estar se perguntando: como a criança 4 pode ter manifestado o transtorno possuindo apenas quatro variantes, sendo que a 1 precisou de sete para demonstrá-lo? A resposta é simples: a variante E desenvolvida por ela é tão forte que foi decisiva para o desenvolvimento do autismo.

Para resumir, "na maioria dos casos de TEA, o modelo de herança é complexo. Por exemplo, em algumas circunstâncias, os fatores de risco podem ser herdados tanto da mãe quanto do pai; já em outras, podem ser resultantes da combinação de fatores genéticos herdados (maternos e/ou paternos) com mutação nova que surgiu na criança ou ainda com fatores ambientais", explica a bióloga e PhD Maria Rita Passos Bueno.

DADOS DO RISCO DE AUTISMO

Graciela Pignatari expõe alguns dados sobre o TEA:

- **Em caso de gêmeos idênticos, as chances dos dois serem autistas é de 80%;**
- **Em caso de gêmeos fraternos, as chances dos dois serem autistas cai para 40%;**
- **Em caso de primeiro filho autista; o segundo tem 10% a 20% de chance de manifestar o transtorno;**
- **Uma em cada 59 crianças com oito anos possui TEA, sendo quatro meninos para uma menina.**

Conhecendo os fatores ambientais

Os fatores ambientais não são encontrados no meio ambiente de forma literal, e sim em condições presentes nos pais e na criança ao nascer. Graciela explica que os estudos envolvendo os "fatores ambientais" ainda apresentam limitações que, infelizmente, invalidam os resultados. Por consequência, algumas informações falsas podem ganhar força. A especialista ressalta que tomar vacinas e fazer uso de vitaminas e ácido fólico (grande aliado do cérebro e do coração) não pode causar o autismo.

Por sua vez, a bióloga também lista alguns fatores que podem influenciar na manifestação do TEA, como: "idade paterna, utilização de ácido valpróico (anticonvulsivantes e regulador de humor durante a gestação), síndrome metabólica materna (hipertensão, pressão arterial elevada durante a gravidez, sobrepeso), intercorrências durante a gestação (infecções, doenças autoimunes) e baixo peso ao nascer".

A genética ajuda no diagnóstico?

Segundo Maria Rita, "é correto dizer que o transtorno é majoritariamente genético, uma taxa que representa 97% com 81% de chances de herdabilidade. Sendo, na maioria das vezes, uma combinação de genes herdados do pai e da mãe ou ainda de genes não herdados". Como esse material está muito presente na manifestação do TEA, existem exames genéticos que ajudam na descoberta da causa do autismo?

Sim! Mas vale lembrar que não são em todos os casos que isso se faz possível: "Em cerca de 20% a 30% dos casos se identificam



QUEM DEVE FAZER OS EXAMES?

Para a bióloga Maria Rita, eles devem ser, inicialmente, realizados na criança. Embora os exames nos pais facilitem a análise de dados, os testes não são, tecnicamente, baratos. Entretanto, "a depender do resultado obtido, avalia-se a importância de recomendar o teste para outros familiares", completa a especialista.



a origem genética do TEA por meio desses testes. São, em geral, formas monogênicas (alteração em um único gene, e o padrão de herança pode ser dominante ou recessivo) e clinicamente são formas de TEA sindrômico, ou seja, além do TEA, os indivíduos têm sinais clínicos adicionais", complementa a especialista. Confira alguns desses exames:

• **CGH-SNP-arrays:** Maria Rita explica que este teste é feito para analisar e identificar perdas (microdeleções) ou ganhos (microduplicações) do material genético humano. Por serem não-detectáveis no exame cariótipo (confira a seguir), esse exame de microalterações - chamado de variações do número de cópias (CNV, em inglês) - passou a ser o primeiro a ser feito quando detectado um atraso global. "Hoje, sabe-se que 10% a 15% dos autistas têm alterações em CNVs que são observadas com a realização desse teste", afirma Graciela. Esse exame custa entre R$4.000,00 e R$6.500,00.

• **Sequenciamento completo de exoma (SCE):** "Envolve a análise de todos os genes humanos. No SCE, como se trata de sequenciamento do DNA, identifica-se pequenas modificações, como troca de bases, pequenas deleções ou duplicações. Existe a possibilidade de sequenciar os genes que já são associados a doenças, que são cerca de 6.700", explica Maria Rita. Nesse caso, o exame varia de R$8.900,00 a R$10.800,00.

• **Cariótipo:** identifica o número de estrutura dos cromossomos. Estão presentes em 5% dos diagnósticos de TEA. O custo varia de R$500,00 a R$1.500,00

• **Genoma:** neste exame é possível analisar todos os nucleotídeos, ou seja, os alicerces do DNA e RNA do organismo. "É possível verificar se existem alterações, como mutações de ponto - isso é, troca de apenas um nucleotídeo - e as alterações genéticas nos múltiplos genes referentes à característica de multigenicidade do TEA", destaca Graciela.

"Para os testes genéticos, o mais recomendado é a coleta de sangue para extração de DNA. Uma outra possibilidade é obter DNA a partir da saliva. Contudo, a qualidade desse material genético é inferior se comparado ao extraído do sangue, e em uma pequena porcentagem dos casos é necessário repetir o exame", Maria Rita Passos Bueno, PhD, bióloga, professora titular especialista em Genética

CONSULTORIA Graciela Pignatari, bióloga, diretora-executiva da Tismoo e uma das fundadoras do projeto A Fada do Dente na Universidade de São Paulo (USP); Maria Rita Passos Bueno, PhD, bióloga, professora titular especialista em Genética **FONTE** Artigo/*Autismo: testes genéticos valem a pena?* [https://genoma.ib.usp.br/sites/default/files/artigo_testesgeneticos_0.pdf] **IMAGENS** ADragan/Shutterstock Images

PODE SER AUTISMO?



Geralmente, o diagnóstico do autismo é obtido quando a criança tem cerca de três anos de idade. Os sinais que costumam evidenciar a existência do transtorno giram em torno de:



- Ausência de fala ou emissão de frases curtas e atípicas



- Comportamentos repetitivos e restritos



- Resistência a alterações na rotina



- Dificuldade de olhar nos olhos e atender a chamados



- Sensibilidade a determinados sons e texturas de alimentos



- Não imitar gestos e brincadeiras



- Desinteresse por outras crianças



- Apego e interesse intensos por objetos específicos



- Movimentos automatizados com mãos, cabeça e tronco (estereotipias)

ILUSTRAÇÕES Katerina Demyanovskaya/Shutterstock

MUNDO DAS MENINAS

O autismo se apresenta de forma diferente no sexo feminino



As muitas questões que cercam o Transtorno do Espectro Autista (TEA) indicam que ainda há um universo a ser desvendado, principalmente em relação ao sexo feminino. Estima-se que uma a cada 160 crianças em todo o mundo tenha TEA, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). E, em complemento, uma pesquisa feita pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos mostra que há uma proporção de quatro meninos diagnosticados com TEA para cada menina, ou seja, a menor taxa em meninas indica que existem ainda mais dúvidas. "Esses estudos indicam que o cérebro masculino estaria mais vulnerável ao transtorno", complementa a psicopedagoga Graciete Almeida. Os dados preocupam, uma vez que o transtorno costuma passar despercebido no sexo feminino, onde a prevalência é de uma manifestação leve do espectro.

Pequenos sinais

A dificuldade do diagnóstico acontece pois, no caso das meninas, elas costumam apresentar sintomas mais sutis do autismo, geralmente não relacionados à comunicação verbal, que é um traço marcante no diagnóstico. "As meninas autistas evitam se expor, apresentam dificuldade de flexibilidade mental (capacidade relacionada à

adaptação e mudanças), não entendem duplo sentido e piadas, respondem 'sem filtro' e são apegadas a rotinas mais do que as outras, podendo desenvolver depressão e distúrbios alimentares", ressalta Graciete. Ainda assim, elas costumam apresentar comportamentos considerados "ideais" para a idade, sendo confundidas com crianças tímidas ou com alguma fobia social.

Atenção no lar

O tratamento do TEA costuma ser mais eficiente se o diagnóstico for dado até os três anos de idade. Como os sinais do espectro em meninas são bastante sutis, a atenção dos pais ou responsáveis em relação aos sintomas mais comuns pode ser a chave para o diagnóstico precoce e eficiência do tratamento. De acordo com a psicopedagoga, os transtornos que mais costumam ser confundidos com o TEA são o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), por também apresentarem características de isolamento, necessidade de rotina e métodos, dificuldade em relação a mudanças, dentre outros. "Com as orientações de uma equipe multidisciplinar, carinho e atenção da família, é possível que elas consigam construir seus espaços sociais, ainda que limitados e repletos de rotina e comportamentos metódicos na maioria de suas experiências. O objetivo deve ser sempre a oferta de instrumentos que estimulem o desenvolvimento das competências e habilidades para relacionamentos", completa a profissional. O processo terapêutico pode estimular novas percepções de escolhas no cotidiano, diminuindo certas obsessões e propiciando melhor qualidade de vida.

Desenvolvimento sexual

A adolescência, por si só, pode não ser fácil, já que é uma fase de intensas mudanças. Em relação às garotas autistas, deve ser um período em que a ajuda e supervisão precisam ocorrer de forma atenta pelos responsáveis e pela equipe clínica. "Em meninas autistas, o reconhecimento do desenvolvimento sexual pode acontecer com algumas adversidades, devido à condição específica, como a dificuldade de entender alguns contextos", explica Graciete. É necessário conduzir essa fase com estratégias objetivas e equilibradas, uma vez que as pessoas no espectro podem ter mais dificuldades em lidar com conceitos vagos. As meninas precisam receber essas orientações de acordo com a idade do seu desenvolvimento, respeitando suas reações. Em complemento, "a maneira com que as adolescentes vão lidar com as mudanças em seus corpos também depende do suporte que receberá da família e dos profissionais que a atendem", elucida a psicóloga clínica Carmela Silvana.



CONSULTORIA Carmela Silvana da Silveira, psicóloga clínica e hospitalar da Santa Casa de São José dos Campos; Graciete Almeida, pedagoga, psicopedagoga pós-graduada em educação especial inclusiva, pós-graduanda em neurociência e educação e professora de conhecimentos pedagógicos **IMAGENS** Lucien Fraud e Veja/Shutterstock Images

CONHECENDO AS LEIS

Como a legislação aborda questões relacionadas à comunidade autista?



A inclusão social é vital para que o exercício da cidadania esteja ao alcance de todas as pessoas. Sua preservação acontece, principalmente, em função de políticas que, agindo sobre diferentes aspectos da vida em sociedade, promovem um convívio mais igualitário. Nas próximas páginas, você conhecerá alguns desses dispositivos e como eles oferecem aporte aos autistas em esferas relacionados à saúde, educação e trabalho.

Dentro do colégio

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) atesta que toda criança e adolescente tem direito à educação. Logo, é dever do Estado assegurar acesso gratuito ao ensino. Aos que convivem com algum tipo de deficiência, cabe ao poder público oferecer atendimento educacional especializado, de preferência, em classes da rede regular de ensino, onde o desenvolvimento intelectual e a base de conhecimento são maiores.

De acordo com o advogado Ilmar Muniz, as instituições de ensino precisam se estruturar corretamente para recepcionar alunos autistas. "Com base na Lei 7.853, de 1989, o poder público deve garantir ao portador de necessidades educacionais especiais acesso ao ensino nos moldes que ele precise, adequando as escolas para garantir sua inclusão no sistema educacional", explica.

Assim, o autista tem direito aos materiais dedicados às suas demandas educacionais, à alimentação adequada e ao acompanhamento de profissionais especializados, como acompanhantes terapêuticos (ATs). Todos os benefícios são oferecidos pela escola sem cobrança de taxa ou, caso a instituição seja privada, de mensalidade extra, conforme ordena o Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei 13.146/2015.

A Lei 12.764/2012, conhecida como Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, proíbe escolas de recusarem matrícula de autistas em razão da condição de portadores do transtorno. O mesmo dispositivo impõe multas de três a 20 salários mínimos aos gestores escolares que praticarem o delito. Na legislação brasileira, inclusive, não há normas que definem limite de vagas para alunos com necessidades educacionais especiais por sala de aula. Portanto, as autoridades responsáveis não podem recusar a matrícula do autista alegando excedente desse "limite". Diante de situações similares, a família pode recorrer ao Ministério Público ou à Secretaria de Educação - municipal ou estadual - para denunciar a escola.

"A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, à luz da Constituição Federal, constituem o sistema de proteção jurídica do autista", Herdenson Fürst, doutor em direito

Saúde

Em relação à assistência médica, a Lei 12.764 assegura aos autistas atendimento prioritário e multiprofissional, isto é, com profissionais de várias especialidades médicas e uma série de outras determinações. "A Política Nacional estabelece que essas pessoas têm acesso a ações e serviços de saúde de modo a atender integralmente suas necessidades, seja quanto ao diagnóstico (até mesmo o precoce, que não seja definitivo), ao atendimento das diversas especialidades de cuidado da saúde, à nutrição adequada, aos medicamentos e outros instrumentos que se façam necessários", esclarece o doutor em direito Herdenson Fürst. Logo, cabe aos serviços de saúde pública vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) garantirem a efetividade desses direitos.

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), que supervisiona os serviços privados de saúde no país, estabelece que os planos particulares são obrigados a oferecer a quantidade de sessões terapêuticas que o laudo médico do autista julgar necessária. Segundo o especialista, isso significa que os convênios não podem limitar a duração de programas de terapia de modo autônomo. "A depender da abordagem terapêutica, a própria ANS prevê a quantidade mínima por ano que é assegurada ao autista, não fala em máxima, mas em mínima obrigatória", pontua. O especialista orienta que, na ausência de serviços terapêuticos adequados dentro do plano de saúde, a família recorra à ANS para que providências administrativas sejam tomadas. As ocorrências podem ser reportadas por meio da Central de Atendimento ao Consumidor da ANS, pelo número 0800-7019656.



Fase profissional

O Estado é responsável por estimular o ingresso e a permanência de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Para tanto, estipula medidas que viabilizam a inclusão dentro desse espaço, como a Lei 8.213, de 1991, conhecida como Lei de Cotas, que ordena às corporações reservarem cargos para esses indivíduos. "A norma estabelece que as empresas que possuem mais de 100 funcionários são obrigadas a preencher de 2% a 5% de seus postos de trabalho com pessoas com deficiência: se possuírem até 200 empregados, são 2%; de 201 a 500, 3%; de 501 a 1000, 4%; e, com mais de 1001 funcionários, 5%", elenca Herdenson. "Indivíduos com TEA, se desejarem, podem se candidatar a essas vagas por força da Lei 12.764 - que, para efeitos legais, considera autistas como portadores de deficiência", conclui.



Direitos violados

Existem órgãos mantidos pelo Estado voltados à proteção e ao cumprimento dos direitos garantidos pela legislação aos autistas. Entre eles, há o Ministério Público e a Defensoria

DENTRO DO MAPA

A cada 10 anos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realiza o Censo Demográfico, estudo que divulga informações sobre as condições de vida da população em todo o país. Em 2020, ano da próxima edição do Censo, o órgão coletará dados específicos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) pela primeira vez desde 1940, quando começou a produzir os recenseamentos. Essa medida foi instituída pela recém-sancionada Lei 13.861, de julho de 2019, e, segundo o doutor em direito Herdenson Fürst, será determinante para que políticas públicas mais eficientes sejam criadas em todos os campos de atenção, como saúde, educação e mercado de trabalho. "Com a norma, espera-se que, em médio prazo, as pessoas com TEA e seus familiares sejam melhores amparados", comenta.

Pública, que informam e orientam juridicamente essa comunidade. Assim, quando o autista vê seus direitos serem contestados, pode buscar aporte nessas instituições. Vale destacar, ainda, a existência dos Conselhos Estaduais e Municipais dos Direitos da Pessoa com Deficiência, que também trabalham em benefício da defesa dessas leis.

O poder público oferece dois mecanismos às famílias que buscam zelar por seus direitos, mas não possuem recursos suficientes para tal: a gratuidade de justiça e a assistência jurídica gratuita. "A primeira diz respeito aos benefícios previstos pelo Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015), que facilitam o acesso à justiça por meio da isenção de taxas, custas e emolumentos relativos ao processo em si", discorre Herdenson. Nesse caso, o advogado contratado emite um pedido ao Poder Judiciário e, então, o juiz decide pela concessão da gratuidade. É importante dizer, no entanto, que, caso a pessoa auxiliada pelo benefício perca o processo, torna-se responsável tanto pelas despesas processuais quanto pelos honorários advocatícios.

A segunda, por outro lado, busca viabilizar a consultoria e a assistência jurídica por meio da isenção de despesas relacionadas à remuneração do advogado utilizado, como prevê a Lei 1.060/1950. "Assim, pessoas com TEA podem ter seus direitos amparados por um defensor público ou um advogado nomeado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) sem qualquer custo", explica o especialista. Esse benefício pode ser efetivado, além da Defensoria Pública, por postos de atendimento à sociedade vinculados a faculdades de direito ou por advogados dativos da OAB.

"O autista, tendo seus direitos restringidos, pode procurar a Defensoria Pública de seu município para ter respaldado o acesso ao judiciário, ou recorrer ao Ministério público para obter o auxílio jurídico necessário", Ilmar Muniz, advogado





A Lei 13.146/2015 confere aos autistas assentos preferenciais em teatros, cinemas, estádios e similares, além de embarque e desembarque prioritários em transportes coletivos

Outros amparos

A seguir, confira direitos destinados aos autistas e saiba como requisitá-los.

BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA (BPC) - ASSEGURADO PELA LEI 8.742, DE 1993

Trata-se de um auxílio mensal de R$1.039,00, valor do salário mínimo nacional vigente, concedido às pessoas com deficiência ou acima de 65 anos. Para recebê-lo, é exigido que o cidadão possua renda familiar per capita (a soma do rendimento dos indivíduos que residem na casa do autista dividido pelo número total deles) menor que 1/4 do salário mínimo.

Como solicitar?

Antes de tudo, é preciso se inscrever no Cadastro Único - isso pode ser feito em qualquer Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Depois, deve-se agendar atendimento no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) pelo número 135 ou pelo site do órgão. O requerimento, propriamente dito, é realizado no posto do INSS. Pode ser solicitada a apresentação de identidade, CPF, comprovante de residência e laudo médico.

PRIORIDADE E DESCONTO EM VIAGENS AÉREAS - ASSEGURADOS PELA RESOLUÇÃO 208/2013 DA AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL (ANAC)

Garante assistência ao autista desde o check-in - incluindo embarque prioritário - até o desembarque. Também confere desconto de 80% do valor integral na compra de passagem para um acompanhante e na taxa sobre bagagem em excesso (desde que esteja transportando ajuda técnica ou equipamentos médicos indispensáveis).

Como solicitar?

É necessário preencher o Formulário de Informações Médicas (MEDIF, na sigla em inglês), disponível no site da companhia aérea responsável pela viagem, que também deve ser assinado por um médico. Depois, basta enviá-lo, junto do documento de identidade e do laudo médico, à empresa pelo menos 72 horas antes do voo.

ANO NOVO, NOVOS AVANÇOS

Em janeiro de 2020, instituiu-se a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), documento que assegura ao autista prioridade de acesso e atendimento em serviços de saúde, educação e assistência social, sejam eles públicos ou privados.

A Carteira foi criada a partir da Lei 13.997, que ficou conhecida, enquanto ainda era tramitada, como Lei Romeo Mion, que convive com autismo e é filho do apresentador de televisão Marcos Mion, o qual se dedicou ativamente à aprovação da medida. De acordo com a Agência Senado, vinculada ao Senado Federal, para solicitar a Ciptea é necessário preencher o requerimento disponibilizado pelos órgãos responsáveis e fornecer um laudo médico que ateste o diagnóstico do transtorno.

CONSULTORIA Ilmar Muniz, advogado e especialista em direito constitucional e penal, Herdenson Fürst, doutor em direito e doutor e mestre em bioética
ILUSTRAÇÕES Madpixblue/Shutterstock Images

INTERVENÇÃO SEGURA

A Análise do Comportamento Aplicada, ou ABA, é considerada uma das abordagens mais eficazes no tratamento do autismo

O acompanhamento médico, realizado por uma equipe multiprofissional e apoiado pelos familiares do autista, é a peça-chave de um tratamento bem-sucedido. Afinal, é a partir dele que a administração de medicamentos e a realização de programas de intervenção se tornam possíveis. Enquanto a primeira procura aliviar sintomas associados ao transtorno, a segunda busca estimular o desenvolvimento individual em vários aspectos - e é sobre esta última, da qual a conhecida Análise do Comportamento Aplicada (ABA, sigla do termo em inglês *Applied Behavior Analysis*) faz parte, que você conhecerá mais nas próximas linhas.

Para começo de conversa

A análise do comportamento é uma ciência - isto é, um conjunto de conhecimentos adquiridos por meio de estudos realizados no passado - que se preocupa em estudar como os indivíduos interagem com o mundo que os cerca e se comportam em relação a pensamentos, sentimentos e falas. Dentro do seu campo, existem áreas específicas, separadas de acordo com o modo como contribuem para esse estudo. Elas se dividem em três: o Behaviorismo Radical, do qual provém todo o fundamento teórico e filosófico da análise do comportamento; a Análise Experimental do Comportamento, responsável pelo trabalho empírico, ou seja, por testar e comprovar hipóteses em ambientes controlados; e, por fim, a Análise Aplicada do Comportamento, que utiliza as informações fornecidas pelos dois primeiros e as insere, a partir de intervenções, no cotidiano. Assim, entende-se a ABA como uma área pertencente à ciência da análise do comportamento, e não como uma mera terapia ou método.

Entendendo as aplicações

Em linhas gerais, o objetivo da ABA é modificar comportamentos. De acordo com o psicólogo e analista do comportamento Damião Dantas, a abordagem pode ser aplicada para potencializar práticas, quando são funcionais, ou diminuí-las, quando são inadequadas. "Hoje, também utiliza-se os princípios da ABA para desenvolver habilidades de linguagem e aprendizagem e, com isso, promover mais independência e autonomia, que são imprescindíveis para os autistas serem protagonistas da sua própria história", esclarece o especialista.

Para realizar uma aplicação, é necessário que o profissional estruture, antes de tudo, um programa de intervenção individualizado, isto é, adequado às necessidades do autista. "Esse plano, que está dentro de um currículo amplo que abrange habilidades acadêmicas, motoras, linguísticas, sociais etc., deve ser intensivo, com sessões de 20 a 40 horas semanais - especialmente em crianças -, e precisa acontecer em todos os espaços, como na clínica, na escola ou em casa", indica Damião.

Planejado o programa, aí sim a intervenção pode ser realizada. "Em geral, os atendimentos são feitos na clínica e individualmente. O ambiente deve ser estruturado e agradável, oferecendo estímulos adequados. Na terapia fundamentada nos princípios da ciência ABA, rejeitam-se punições, reforça-se o comportamento desejado e utilizam-se técnicas de ensino como motivação, hierarquia de dicas, modelagem e outras", conclui.

Um pouquinho de história

O potencial da ABA como intervenção útil para problemas cotidianos começou a ser intensamente explorado a partir dos anos 1940, quando estudiosos norte-americanos realizaram as primeiras tentativas de aplicação, no contexto clínico, dos conhecimentos adquiridos em laboratório. Em 1959, por exemplo, os especialistas Teodoro Ayllon e Jack Michael conseguiram reduzir comportamentos problemáticos de indivíduos diagnosticados com esquizofrenia a partir de intervenções comportamentais. Esse foi um marco importante para o desenvolvimento da abordagem nos anos que se seguiram.

Durante as décadas de 1950 e 1960, vários programas universitários e centros de treinamento em análise comportamental foram inaugurados nos Estados Unidos. A criação de revistas periódicas voltadas à área, como o *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB), de 1958, e o *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), de 1968, foi essencial para a divulgação dos estudos produzidos nesse período.

O Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Déficits na Comunicação (TEACCH, ou Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children) e o sistema de comunicação por trocas de figuras (PECS, de Picture Exchange Communication System) também são abordagens amplamente utilizadas no tratamento do autismo

Nas duas décadas subsequentes, pesquisadores passaram a se dedicar ao estudo da utilização de ABA em casos de autismo. "O termo ABA ficou conhecido no Brasil por sua aplicação no tratamento de pessoas diagnosticadas com o transtorno, que teve início na década de 1980, quando surgiram estudos científicos nos Estados Unidos e no Reino Unido", pontua Damião. Nessa vertente, destacaram-se os trabalhos desenvolvidos pelo psicólogo e ex-professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Ole Ivar Lovaas. Em 1987, revelou a eficácia da ABA no tratamento de autistas de modo pioneiro: selecionou 19 crianças autistas, todas com menos de quatro anos de idade, para aplicar 40 horas semanais de intervenção comportamental durante dois ou mais anos. Ao final do estudo, demonstrou que 47% dos pequenos havia vivenciado uma redução significativa dos sintomas de TEA e apresentado desenvolvimento quase similar às crianças neurotípicas de sua idade. A partir de seus resultados, inúmeras pesquisas relacionadas ao espectro se desenrolaram ao longo dos anos. Hoje, a comunidade médica aponta a ABA como uma das abordagens mais eficientes no tratamento do autismo.

"Pesquisas internacionais indicam que pessoas que recebem mais horas de ABA obtêm ganhos maiores no funcionamento intelectual, adaptativo e comunicacional", Damião Dantas, psicólogo e analista do comportamento

O perfil dos profissionais de ABA

A rigor, a profissão de analista do comportamento não existe no Brasil. Isso porque as universidades nacionais não oferecem cursos de graduação em análise comportamental. Na verdade, o que há são instrumentos de especialização nessa área, como programas de pós-graduação e acreditação. "As especializações estão ganhando volume agora. O problema é que aquelas que ocorrem presencialmente ainda se concentram nos grandes centros, e deve-se ter muito cuidado com os cursos à distância, pois essa área requer muita vivência. A prática faz toda a diferença", comenta Damião. Portanto, quando uma pessoa graduada em psicologia - ou outro ramo da ciência, como pedagogia, fonoaudiologia ou terapia ocupacional - quer trabalhar com ABA, é necessário que ela obtenha especialização em análise do comportamento.

É possível, ainda, que a pessoa se especialize em outros campos da ciência do comportamento - como ocorre na maioria das vezes. Mas, nesse caso, há um porém: pode ser que essa formação não forneça todo o conhecimento que a ABA requer, uma vez que a análise do comportamento se caracteriza como uma área de atuação bem específica.



Habilitações

Para garantir qualidade às intervenções, instituições renomadas realizam programas e estabelecem diretrizes com o objetivo de estimular o aperfeiçoamento dos indivíduos que aplicam ABA. Em outras palavras, estipulam uma série de exigências às quais esses profissionais precisam atender para serem certificados como analistas do comportamento. Entre as associações que realizam tais processos, destacam-se o norte-americano *Behavior Analyst Certification Board* (BACB) e a Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC).

O BACB supervisiona - e procura preservar - essa qualidade nos Estados Unidos desde 1998, ano em que foi fundado. É essa a corporação responsável pela emissão do famoso *Board Certified Behavior Analyst* (BCBA), certificado de qualificação reconhecido em inúmeros países. Um profissional que detém esse documento possui altíssimo nível de compreensão a respeito da aplicação de ABA, pois, para obtê-lo, são exigidas formação em nível de mestrado, 1.500 horas de trabalho em campo supervisionado por um analista do comportamento e, é claro, aprovação no exame do programa, que conta com 160 questões.

Já o certificado oferecido pela ABPMC é o de Analista do Comportamento Acreditado. Esse título é designado aos profissionais que são aprovados no processo de acreditação do órgão, em funcionamento desde 2015. Para a obtenção do certificado, a instituição exige que o profissional tenha ao menos um diploma de nível superior e cumpra exigências específicas, como possuir publicações em revistas periódicas da área, ter sido orientador em trabalhos de dissertação de mestrado ou teses de doutorado, entre outras. Vale destacar que a ABPMC foi instituída em 1991 para incentivar o desenvolvimento da análise do comportamento e de outras áreas da ciência comportamental em todo o país.

Na prática

No Brasil, a atuação de profissionais em análise do comportamento independe dessas certificações, já que elas não são exigidas por órgãos regulamentadores. Isso pode levantar dúvidas, por parte da família do autista, quanto à qualificação de um especialista. Nesse sentido, é interessante examinar indícios que sugerem que o indivíduo pode oferecer bons serviços. Damião orienta que os familiares levem em conta aspectos como formação acadêmica, especializações, experiências profissionais e, inclusive, certificações. Essas informações são disponibilizadas, geralmente, em currículos. "Fujam de profissionais que se autodeclaram especialistas apenas por terem feito cursos básicos. Pessoas com 40 horas de formação já podem ser aplicadores, mas desde que supervisionados por um especialista com formação e prática amplas", sinaliza o psicólogo.

DENTRO DAS UNIVERSIDADES

"Historicamente, a Análise do Comportamento Aplicada faz parte da grade curricular de alguns cursos de graduação em psicologia no país", explica o psicólogo e analista do comportamento Damião Dantas. Entre as instituições que ensinam a análise comportamental dentro de suas disciplinas, destacam-se a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade de São Paulo (USP) - incluindo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRB), vinculada à USP -, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade Estadual de Londrina (UEL).



CONSULTORIA Damião Dantas, psicólogo e analista do comportamento **FONTES** Behavior Analyst Certification Board (BACB); Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC) **ARTIGOS** *Análise do comportamento no Brasil*, de João Todorov e Elenice Hanna; *O conceito de análise do comportamento*, de Anderson de Moura Lima; *Análise do comportamento e autismo: Marcos históricos descritos em publicações norte-americanas influentes*, de Fernanda Suemi Oda
FOTOS vetre, Photographee.eu e hidesy/ Shutterstock Images

TECNOLOGIA A FAVOR

Conheça as inovações que podem ajudar no desenvolvimento da criança autista



Quando se fala em tecnologia, é comum pensar em celulares, computadores, carros, relógios, entre muitos outros dispositivos presentes no dia a dia. A característica em comum entre todos esses aparelhos é clara: facilitar a rotina e torná-la menos complicada.

Mas a tecnologia também pode contribuir ainda mais! É o caso dos dispositivos e aplicativos criados especialmente para crianças autistas. Com esse tipo de ferramenta, elas conseguem aprender coisas novas, interagir melhor com o ambiente e até mesmo criar uma comunicação mais efetiva (inclusive as não verbais).

É essencial salientar a importância de conversar com os profissionais que acompanham o autista antes de inserir um aplicativo na rotina do pequeno. Desse modo, eles serão capazes de dizer se será benéfico ou não, se está adequado à idade, etc.

REDE AZUL - AUTISMO COLABORATIVO

Por conta dos comportamentos diferentes, é comum que crianças autistas sofram preconceito ou sejam excluídas de diversas atividades sociais. Por exemplo, ir ao cinema ou a um restaurante pode ser um desafio tanto para eles quanto para seus pais. "Recentemente, a mãe de uma menina autista criou o aplicativo *REDE AZUL - Autismo* colaborativo e lá tem informações do país inteiro de bons serviços e profissionais indicados pelos familiares", contou o psicólogo e analista de comportamento Damião Silva. Segundo ele, ouvir o que pais e responsáveis que vivem com esses desafios têm a dizer é essencial e esse aplicativo é feito a partir das experiências dessas pessoas.

Aplicativos

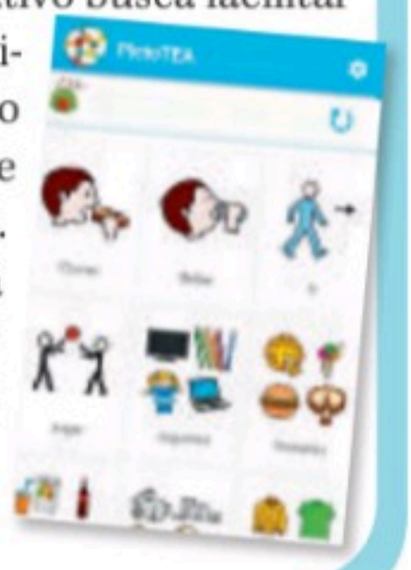
Matraquinha

O aplicativo auxilia na comunicação entre a criança e os responsáveis, sendo uma boa indicação para autistas com dificuldade de fala. Seu funcionamento é simples: a criança seleciona a imagem referente ao que quer dizer e o aplicativo emite a frase correspondente. Assim, a comunicação é facilitada, contribuindo com o bem-estar no dia a dia.



PictoTEA

O uso de imagens físicas para mostrar os desejos é uma das formas de comunicação mais comuns entre crianças autistas. Esse aplicativo busca facilitar isso. Nele, existem diversas imagens tanto de ações quanto de objetos e alimentos. É possível utilizar a tecnologia a favor da praticidade e deixar as cartilhas físicas em casa.



Livox

Também utilizado para comunicação, essa opção é indicada tanto para TEA quanto para outros tipos de deficiência. No aplicativo, também é possível encontrar imagens que, quando selecionadas, emitem a frase correspondente. A partir do reconhecimento facial presente em alguns celulares, é possível que crianças com dificuldades motoras também utilizem esse dispositivo.



Aprendendo com Biel e seus amigos

O aplicativo conta com diversos jogos para o desenvolvimento cognitivo de crianças, mas foi pensado especificamente para autistas. De acordo com os desenvolvedores, as brincadeiras foram planejadas junto com um grupo multidisciplinar de profissionais, com psicopedagogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo e até pais do Biel, uma criança autista que é o personagem do jogo.



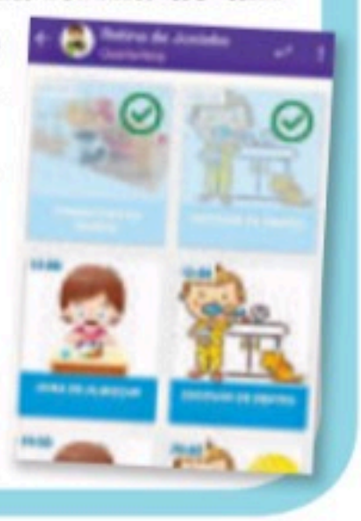
Falaê

No caso deste aplicativo, as imagens também representam frases simples (como "por favor", "obrigado", "você" e "nós"), características ("quente" e "frio") e desejos ("bolo", "pão", "não gostei" e "outra coisa"), não apenas ações. Além de bem colorido, é fácil de entender e auxilia a comunicação diariamente.



Rotina Divertida

De acordo com os desenvolvedores, "o Rotina Divertida busca auxiliar os pais com filhos que possuam alguma forma de dificuldade de compreensão de atividades que são diárias, como crianças com autismo". No aplicativo, é possível montar as tarefas dos pequenos, colocando até horários. Depois de realizar as atividades, as crianças podem marcá-las como concluídas e mostra qual é, então, o próximo passo. Ótima ferramenta para manter a rotina, o que é essencial para o bem-estar dos autistas.



CONSULTORIA Damião Silva, psicólogo e analista de comportamento **FOTOS** michaeljung/Shutterstock e Divulgação

DEPRESSÃO EM AUTISTAS

Isolamento, incompreensão e bullying podem propiciar o surgimento de transtornos do humor



Um indivíduo autista é capaz de desenvolver, em paralelo ao TEA, outros transtornos de ordem mental e psicológica. A depressão, assim como a ansiedade, é uma das condições que frequentemente são associadas ao espectro, uma vez que a mente do autista pode lidar com as emoções de maneiras diferentes e, como elucida a psicóloga Aline Tallarico, "dependendo do grau do autismo, fica difícil acessar o mundo interno do paciente, pois nem sempre eles conseguem expressar o que sentem". Esse aspecto faz com que a atenção à saúde mental de pessoas com TEA seja uma medida importante para impedir o desenvolvimento da depressão e de outros transtornos do humor.

Para entender a depressão...

No Brasil, o número de pessoas diagnosticadas com depressão chega a 11,5 milhões, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5, na sigla em inglês) estipula que a doença é identificada se, por pelo menos duas semanas, o indivíduo sentir-se com o humor deprimido (sensação de tristeza e vazio, como se as coisas tivessem perdido sua importância) e não demonstrar interesse por atividades antes consideradas agradáveis, entre outros sintomas.

...e as suas relações com o autismo

A dificuldade nas interações sociais é um dos aspectos mais comuns ao espectro autista, o que torna a criança distante das relações interpessoais. Em geral, essa condição ocorre por duas razões: primeiro, porque o indivíduo apresenta dificuldade em iniciar diálogos com outras pessoas; depois, porque, em função disso, ele não demonstra interesse em se relacionar socialmente. É comum que, na adolescência ou na vida adulta, os autistas desenvolvam ansiedade ou depressão em decorrência da dificuldade de interação social e compreensão da vida que os cerca. O diagnóstico, se tardio, também colabora para o surgimento desses casos, já que a criança pode sofrer bullying e incompreensão de seu comportamento por ela mesma e por aqueles com quem convive.

Como funciona o tratamento

No caso do autismo, "inicia-se principalmente com o acompanhamento de psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras ou neurologistas, e se possível, com a presença de um acompanhante terapêutico", ressalta a psicóloga. A introdução de medicamentos deve ser feita quando os sintomas representam grande sofrimento para o paciente, caso o profissional responsável julgue necessário. Outro passo importante são terapias para o desenvolvimento da autonomia e habilidades de socialização do autista. "Assim, eles podem aprender a lidar melhor com as frustrações, isolamento, dificuldade de comunicação e outros, completa Aline. Métodos como ABA (Análise do Comportamento Aplicada) e o TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Limitações relacionadas à Comunicação) são opções que ajudam a promover essas características.

O perigo vai além

A depressão possui laços estreitos com a prática do suicídio. Em 2002, a Organização Mundial de Saúde (OMS) revisou estudos sobre 15.629 suicídios ao redor do globo e concluiu que em mais de 96% desses incidentes os indivíduos poderiam ser diagnosticados com algum transtorno mental. O transtorno do humor, como é classificada a depressão, foi a condição identificada com mais frequência nessas ocorrências: esteve presente em 36% delas. E por isso a preocupação é grande. Um estudo, publicado no *British Journal of Psychiatry,* examinou o risco de morte entre 27.122 pessoas diagnosticadas com distúrbios do espectro autista na Suécia se comparados com indivíduos neurotípicos (termo usado pela comunidade autística para definir indivíduos que não estão no espectro) da mesma idade. Uma descoberta significativa do estudo é que o risco de suicídio entre pessoas autistas é, em média, nove vezes maior, podendo ser agravado por situações como bullying no ambiente escolar e dificuldades de interação. Todos esses aspectos requerem atenção redobrada.

EVIDÊNCIAS DA CONDIÇÃO

Outros sintomas, se apresentados quase diariamente, podem indicar a depressão:

- **Perda ou ganho significativo de peso sem estar fazendo dieta e redução ou aumento no apetite;**
- **Insônia ou hipersonia;**
- **Agitação ou retardo psicomotor;**
- **Fadiga ou perda de energia quase todos os dias;**
- **Sentimentos de inutilidade ou culpa excessiva ou inapropriada;**
- **Dificuldade frequente em se concentrar ou tomar decisões;**
- **Pensamentos de morte e/ou suicidas.**



CONSULTORIA Aline Tallarico, psicóloga da Clínica Amara **IMAGENS** Littlekidmoment, Pimchawee/Shutterstock Images
FONTE *British Journal of Psychiatry; Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5); Organização Mundial da Saúde (OMS)



MÚLTIPLOS CUIDADOS

Conheça os diferentes tipos de distúrbios que podem acometer os autistas

Alguns transtornos podem complicar o dia a dia de quem tem o diagnóstico de autismo. Quadros de ansiedade, por exemplo, já tendem a ser difíceis por si só, mas, se desenvolvidos por autistas, podem levar a complicações ainda mais preocupantes. Para a psicanalista Andrea Ladislau, esses indivíduos devem receber atenção com foco no bem-estar emocional, físico e comportamental para que possam preservar a boa qualidade de vida.



Diferentes tipos

Os transtornos mentais podem ser desenvolvidos por qualquer pessoa. Entretanto, cada um pode apresentar quadros diferentes em relação ao grau do distúrbio e diversidade dos sintomas manifestados. Quando se fala sobre os casos de autismo, alguns transtornos tendem a ser mais comuns, principalmente os que dizem respeito à concentração e ao comportamento. Conheça alguns desses problemas, como são desenvolvidos e os cuidados necessários para prevenir demais complicações.



- **Transtorno Opositivo Desafiador (TOD):** geralmente desenvolvido na infância, o TOD é um transtorno ligado ao comportamento. Em crianças, apresenta-se quando as mesmas manifestam distorções em suas atitudes, com episódios de desobediência e rebeldia. Pode levar à agressividade, imperatividade e imposição na fala e postura como um todo.

De acordo com a psicanalista, o TOD pode estar associado a um tipo de "tratamento dispensado", onde não existem limites aplicados para a criança. "As regras de conduta, convivência e postura não são colocadas ou cobradas pelos pais ou cuidadores e, com isso, a



criança cria suas próprias regras". Ela atesta, ainda, que se o pequeno já tem predisposição à personalidade opositora, o terreno fica fértil para esse transtorno se manifestar.

No dia a dia do autista, esse distúrbio agrava ainda mais os déficits sociais e de comunicação. Para Andrea, o TOD leva o autista a se rebelar e mostrar dificuldade em entender papéis hierárquicos, por exemplo, o que afeta as relações pessoais.

• **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH):** a especialista afirma que o TDAH está ligado ao déficit do desenvolvimento neurológico da pessoa. "A criança apresenta dificuldade em controlar sua concentração e em ter foco no que está fazendo, além de apresentar sintomas de hiperatividade", completa. O transtorno pode ter origem genética, relacionado ao comprometimento de funções cerebrais que norteiam o comportamento, e é isso que afeta a concentração, motivação, memória e aprendizagem.

Quem desenvolve o TDAH pode apresentar sinais de autismo, de acordo com Andrea, pois a pessoa com o transtorno também demonstra uma possibilidade de socialização prejudicada. "Mas isso não quer dizer que é uma regra: quem tem TDAH não necessariamente tem autismo, e o autista não necessariamente tem TDAH", salienta. Embora sejam condições de sinais parecidos, uma independe da outra.

Ainda assim, podem estar associados em casos mais graves. "No caso de um autista que apresenta sintomas de TDAH, podemos observar que ele demonstrará dispersão e hiperatividade muito maior", afirma. Nessas circunstâncias, há também um aumento na dificuldade de interação social, que pode levar a casos de rejeição, problemas emocionais e disfunção social evidente.

• **Esquizofrenia:** o indivíduo esquizofrênico é acometido por episódios de surtos, delírios e alucinações. "Ele não vive em um 'mundo real', na verdade, o substitui por seus delírios", afirma Andréa. Diferente dos anteriores, comuns na infância e fase de desenvolvimento, a esquizofrenia normalmente se manifesta a partir da adolescência, ficando mais evidente dos 18 aos 30 anos.

Seu desenvolvimento começa a partir da deficiência na produção de dopamina, que é um neurotransmissor. Esse hormônio está ligado, por exemplo, às sensações de prazer e felicidade, agindo como uma espécie de "sistema de recompensa" do cérebro. De acordo com a especialista, a falta desse componente desencadeia os distúrbios e demais sintomas esquizofrênicos.

Para a psicanalista, a combinação dos dois problemas agrava ainda mais o desenvolvimento social do autista: "A esquizofrenia apresenta os surtos, o autismo, a dificuldade de interação", ressalta. Por mais que possam se combinar, os casos também são independentes e, para Andrea, à medida que o quadro (tanto de autismo quanto de esquizofrenia) vai amadurecendo, ambos se divergem.

• **Dislexia e discalculia:** ambos são transtornos neurobiológicos específicos. No caso da dislexia, há déficit de reconhecimento do padrão de desenvolvimento da fala. "Dificuldade no aprendizado, soletração e dicção das palavras", de acordo com a profissional. Já na discalculia, são casos parecidos, mas em relação aos números, cálculos matemáticos e conceitos lógicos.



É POSSÍVEL QUE O AUTISTA MANIFESTE OUTROS TRANSTORNOS AO MESMO TEMPO?

De acordo com a psicanalista Andrea Ladislau, sim. "É possível que dois desses transtornos se manifestem juntos, ou até que todos apareçam ao mesmo tempo, com diferentes intensidades", afirma. Cada transtorno tem uma característica diferente, por isso, as formas de tratamento possuem aspectos diferenciados.

OUTROS TRANSTORNOS

Andrea afirma que o autista percebe o mundo da linguagem de forma diversificada, enquanto o dislexo tem dificuldades em se expressar foneticamente, mas pode existir essa combinação - especificamente no caso da dislexia, que é uma condição genética hereditária, diferente da discalculia. "O maior cuidado deve ser na hora de classificar as coisas. Não é má alfabetização ou desatenção, não é falta de inteligência, são transtornos", conclui a psicanalista.

É possível que a criança apresente dislexia e discalculia ao mesmo tempo. Normalmente, quando os distúrbios estão associados, a criança terá dificuldade de interpretação de cálculos e da resolução dos mesmos e, por não conseguir se expressar foneticamente, tanto a linguagem e a leitura quanto os cálculos ficam prejudicados.

Ansiedade: perigo ainda maior

O transtorno de ansiedade, para Andrea, é um aglomerado de distúrbios mentais alimentados pelas sensações de medo e ansiedade generalizada. "O indivíduo pensa no futuro de forma a projetar sua ansiedade em tudo o que pode acontecer, sempre carregando preocupação com o amanhã", completa. Entretanto, essa preocupação não é saudável, mas um processo patológico.

Para o autista, os quadros de ansiedade podem se mostrar mais agravantes que em pessoas sem esse transtorno. "Se a pessoa está presa às situações rotineiras, a





ansiedade se manifesta por questões que, para muitos, não teriam significado ou importância", afirma a especialista. O autista ansioso é aquele que sofre com alterações na rotina e é exatamente o que aumenta sua ansiedade. Esse indivíduo vai apresentar comportamento acelerado e desconexo, além de alguns casos de irritabilidade.

Também é importante diferenciar o transtorno de ansiedade da "ansiedade comum". De acordo com Andrea, todos têm picos de ansiedade, mas isso não caracteriza a presença do transtorno. "Quando se fala do autista ansioso, trata-se de um grau alto de ansiedade. O autista não ansioso é aquele cujas alterações e mudanças do cotidiano não afetam suas emoções", salienta a psicanalista. O autista sem ansiedade continua demonstrando a falta de interação social característica, enquanto o ansioso possui uma angústia que não é comum nesses casos.

Cuidados e tratamentos

Para Andrea, o mais importante é atentar-se ao fato de que cada caso é específico e individual. "O paciente deve ser avaliado de forma subjetiva, olhando para seus sintomas de forma a adequar todos os aspectos apresentados", afirma. Dessa forma, os profissionais que acompanham o caso buscam promover uma adaptação melhor do autista em relação aos demais transtornos, visando a qualidade de vida.

Terapias comportamentais e emocionais, bem como as medicamentosas, são alguns dos meios de tratamento. Para a profissional, deve-se aliar isso tudo a um cuidado multidisciplinar, que irá proporcionar o acolhimento emocional do paciente e a devida segurança emocional.

CONSULTORIA Andrea Ladislau, psicanalista **ILUSTRAÇÕES** Macrovector/Shutterstock

CÉREBRO SAUDÁVEL
Ano 3, nº 28, Abril - 2025

COORDENADORA DE REVISTAS DIGITAIS Hérica Rodrigues (herica.rodrigues@astral.com.br)
REDAÇÃO Ana Carvalho (ana.carvalho@astral.com.br), Ana Kubata (anabeatriz.kubata@astral.com.br), Fernanda Villas Bôas (fernanda.villasboas@astral.com.br) e Gabrielle Aguiar (gabrielle.aguiar@astral.com.br)
DESIGN Lilian Flaitt (lilian.flaitt@astral.com.br) e Roberta Lourenço (roberta.lourenco@astral.com.br)

Conteúdo produzido e publicado originalmente na revista: Saúde do Cérebro Especial - Ano 1, Nº 1, 2020

DIREÇÃO João Carlos de Almeida e Pedro José Chiquito **CONTATO** atendimento@astral.com.br
ENDEREÇO Rua Joaquim Anacleto Bueno, 1-70, Setor M83 - Jardim Contorno, Bauru - SP - CEP: 17047-281

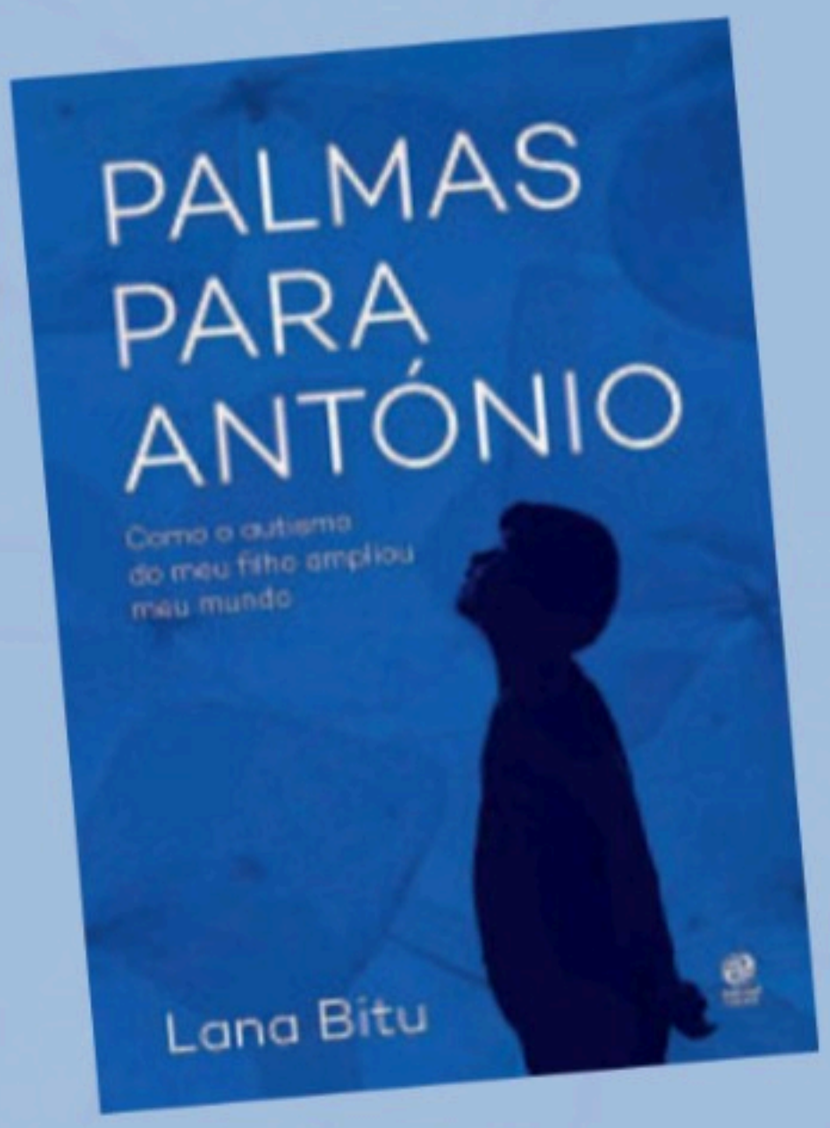
alto astral editora

©2025 EDITORA ALTO ASTRAL LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO.

“O QUE UM DIA FOI MENOS, SEMPRE SERÁ MAIS”

As conquistas de António, independentemente do tamanho, terão sempre um valor triplicado

DESIGN **NATHÁLIA OLIVEIRA**



FICHA TÉCNICA

Mês de lançamento: fevereiro de 2020
Categoria: AUTOAJUDA / RELAÇÕES INTERPESSOAIS
ISBN: 978-85-344-0016-9
Preço sugerido: R$34,90
Formato: 16x23
Páginas: 128
Edição: 1ª

Depois de viralizar com um post no Facebook sobre “o menino que bate palmas”, a jornalista Lana Bitu compartilha em *Palmas para António* as histórias e os desafios de seu primogênito de forma emocionante, porém, bem-humorada.

O diagnóstico de António não foi dado logo de primeira. O primeiro neurologista, um dos mais renomados da América Latina, disse que Tom tinha apenas “atraso de linguagem”, chegando até a falar que “Se este menino for autista, eu rasgo meu diploma”. No entanto, tempos mais tarde, consultas com outros profissionais detectaram que, sim, António se encaixava no Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir daí, Lana passou a perceber a importância de contrabalancear doses de informação e instinto.

Ao final de uma avaliação com uma neuro especializada em TEA, Paulo, marido de Lana e pai de António, fez uma única pergunta: “Meu filho vai ter capacidade de ser feliz?”. Porque, àquela altura, era só isso que o preocupava. E a resposta da especialista foi unânime: “Ele já tem, Paulo. Ele já é!”.

Com algumas crises de choro e muitos desafios, Lana e Paulo testaram desde as terapias convencionais até as paralelas, tudo para descobrirem o que funcionaria ou não com Tom.

Desde então, António surpreende a cada conquista. Como quando se apresentou em uma peça de teatro. Ou quando foi, sozinho, comprar pipoca no meio da sessão de cinema. A mais emocionante delas, no entanto, foi a atitude que deu origem ao post no Facebook, quando explicou, para dezenas de crianças, em uma assembleia da escola, porque ele precisava bater palmas com frequência. “Eu bato palmas para minha imaginação funcionar melhor”, contou. Depois de ouvi-lo, o silêncio foi quebrado com uma palma. Depois com outra, e outra. E sozinho, António, de incompletos nove anos, conseguiu, naquele momento, transformar palmas de intolerância em palmas de comunhão.

Sobre a autora

Lana Bitu trabalhou por duas décadas em redações de revistas, mas, em certo momento, decidiu que era hora de dedicar-se totalmente ao seu filho António. Lana tem uma narrativa esclarecedora, emocionante e engraçada, capaz de, no mesmo parágrafo, fazer rir e chorar.

UMA PAIXÃO INESPERADA, UMA MORTE SUSPEITA E A INEXPLICÁVEL CONEXÃO ENTRE DUAS IRMÃS.

Quando sua irmã caçula morre, a empresária Emily se vê obrigada a pausar sua vida profissional para se isolar com a única sobrinha e o cunhado na fazenda da família. E lá, enquanto tenta reconstituir as últimas semanas de vida de Evelyn, Emily se aproxima do cunhado André e do jardineiro Juan, em uma investigação cheia de surpresas e desejo. Com a descoberta do diário de Evelyn escondido na casa de bonecas, Emily confronta o próprio passado, descobre o presente e reescreve seu futuro!